



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 5, número 1, jan.-abr 2016

TOPOI E INFORMAÇÕES COMPARTILHADAS NO DISCURSO POÉTICO DE PATATIVA DO ASSARÉ



TOPOI ET L'INFORMATION PARTAGÉES DANS LE DISCOURS POÉTIQUE DE PATATIVA DO ASSARÉ

Patrícia Gomes de MELLO
NETLLI/URCA, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA
RECEBIDO EM 23/05/2016 • APROVADO EM 20/06/2016

Résumé

La théorie de l'argumentation a été largement étudiée par plusieurs auteurs intéressés à comprendre les fondements de cette théorie qui prend la langue comme son principal objet de recherche. Beaucoup de ces enquêtes sous-tendent les pratiques pédagogiques de l'enseignement de la langue maternelle dans leurs classes, soit la production textuelle, soit le travail avec la grammaire ou l'interprétation. Après quoi, notre étude est théorique et méthodologiquement fondée dans la théorie de l'argumentation, en particulier la phase dite Théorie des topoï qui, au fil des décennies, a subi des reformulations constantes, comme cela c'est dévoilé à partir de la recherche effectuée par différents auteurs, principalement par Anscombe et Ducrot. Le travail présenté ici fait partie du rôle de ces recherches et il a l'intention de lancer un regard approfondi sur un corpus de poèmes de Patativa do Assaré, qu'utilise dans sa poésie la langue utilisée dans la réalité qui engendre. En tant que cadre théorique, nous utilisons les textes des initiateurs de la théorie, Anscombe (1995) et Anscombe; Ducrot (1994), lesquelles nous avons l'intention de mettre en dialogue avec ses continuateurs, y compris Espíndola (1998, 2000, 2004), Koch (2000), parmi d'autres. Donc, nous essayons d'identifier, de décrire et d'analyser les poèmes choisis, les thèmes les plus

Resumo

A teoria da argumentação tem sido amplamente estudada por diversos autores interessados em compreender os fundamentos dessa teoria que toma a língua como seu principal objeto de investigação. Muitas dessas investigações alicerçam as práticas pedagógicas dos docentes de língua materna em suas aulas, seja de produção textual, trabalho com gramática ou interpretação. Diante disso, nosso estudo está embasado teórica e metodologicamente na Teoria da argumentação, mais precisamente na fase denominada Teoria dos topoi, que, no decorrer das décadas, vem sofrendo constantes reformulações, pois esta é desvelada a partir das pesquisas realizadas por diferentes autores, principalmente por Anscombe e Ducrot entre outros colaboradores. O trabalho que ora apresentamos inscreve-se no rol dessas pesquisas e pretende lançar um olhar compreensivo sobre um corpus composto por poemas de Patativa do Assaré, que utiliza, na sua obra poética, a língua conforme é usada na realidade que o engendra. Como aporte teórico, utilizamos textos dos iniciadores da Teoria, Anscombe (1995) e Anscombe; Ducrot (1994), que intentamos pôr em um diálogo com seus colaboradores, entre eles Espíndola (1998, 2000, 2004), Koch (2000), além de outros. Assim, procuramos identificar, descrever e analisar, nos poemas selecionados, os temas mais recorrentes e deles extraímos os topoi e as informações compartilhadas com o intuito de verificar quais crenças e valores norteiam as temáticas abordadas pelo poeta nordestino.

Entradas para indexação

Mots-clés: Argumentation. Topoi. Poésie.

Palavras-chave: Argumentação. Topoi. Poesia.

Texto integral

A "língua" pode ser, nas linhas anteriores, apresentada como um conjunto de frases ou enunciados, pois a própria noção de frase ou de enunciado é uma construção (não se observa uma frase, mas apenas uma ocorrência de frase) e alguns linguistas esperam poder, a partir dela, contribuir para a explicação dos fatos da linguagem observados na vida cotidiana.

Ducrot

À guisa de introdução

Nas últimas décadas, temos presenciado constantes mudanças no que diz respeito aos enfoques da Teoria da argumentação. Percorrendo alguns trabalhos

da área, percebemos a nítida divisão de fases que marcam a construção e reconstrução dessa teoria empreendida por Anscombe, Ducrot e colaboradores.

De acordo com Espíndola (2004), essa teoria é dividida em quatro fases: a primeira é denominada *Descritivismo Radical*, em que a argumentação e a língua são vistas ainda conforme a retórica; a segunda, *Descritivismo Pressuposicional*, que foi uma espécie de ajuste da primeira fase; a terceira, que trata da *Argumentação na Língua*, em que a argumentação passa a ser constituinte da significação, esta intrínseca na língua; e a última fase, chamada de *Argumentatividade Radical*, que parte das visões da terceira fase até as pesquisas mais recentemente realizadas.

Este trabalho está alicerçado na Teoria da argumentação, mais precisamente, na quarta fase, com ênfase nas abordagens mais atuais, em especial a denominada “Teoria dos Topoi”. Mobilizaremos, portanto, os conceitos de “topoi”, formas tópicas e gradualidade na realização deste estudo.

Anscombe e Ducrot entendem que a argumentação está inscrita na frase e, conseqüentemente, presente na língua e, a partir desse raciocínio, argumentam que “la significación de la frase contiene, en sí misma, instrucciones que conllevan una serie de constricciones”¹ (ANSCOMBRE; DUCROT, 1994, p. 18).

Para os autores, a argumentação está presente na língua em forma de topoi. Os topoi são os encarregados pelos encadeamentos argumentativos, assim, “o sentido dos termos é definido não em relação aos objetos aos quais eles se referem, mas pelos encadeamentos discursivos que esses termos propiciam” (MOURA, 1996, p. 129).

Os dados para a análise deste trabalho foram coletados de uma obra literária, o livro *Cante lá que eu canto cá*, de Patativa do Assaré, publicado em 1978. Como seria impraticável, neste momento, analisarmos toda a produção poética de Patativa do Assaré, optamos por fazer um recorte de alguns poemas daquele livro que é uma das suas obras literárias mais emblemáticas, publicada no auge de sua maturidade artística. Os poemas foram selecionados de acordo com os temas mais recorrentes, deles extrairemos os topoi e as informações compartilhadas para verificarmos quais crenças e valores norteiam as temáticas abordadas.

Um pouco da teoria...

Para desenvolvermos nossa proposta, faz-se necessário mobilizarmos alguns conceitos fundamentais e específicos da Teoria dos Topoi, esta que é entendida como uma “teoria semântica de interpretação de enunciados ou do sentido dos enunciados” (ESPÍNDOLA, 2004, p. 31).

Começaremos com um resumo das distinções entre enunciado e frase, significação e sentido, a partir dos trabalhos de Anscombe (1995) e Anscombe; Ducrot (1994): FRASE – uma construção do linguista que serve para explicar a infinidade de enunciados. ENUNCIADO – manifestação particular de uma frase. SIGNIFICAÇÃO – aplica-se à frase e será o conjunto de topoi que a frase autoriza quando anuncia. SENTIDO – existente a partir, e unicamente, da sua enunciação.

A partir do entendimento desses conceitos, os autores também entendem que LÍNGUA é o conjunto de frases tecedoras de discursos, sendo o DISCURSO o encadeamento dos enunciados. Como já mencionamos anteriormente, o sentido dos enunciados se dá através da descrição da sua enunciação, dessa forma, entendemos que esse sentido é um acontecimento histórico, único e concreto.

Ducrot (1995) define topoi como pontos de articulação entre a língua e o discurso argumentativo. Nesta fase, a língua é enxergada apenas no nível da frase; depois houve uma reformulação e a Teoria da argumentação passou a enxergar que também através do léxico é possível haver uma força argumentativa por meio de verbos, substantivos e adjetivos.

Segundo Espíndola (1998), os topoi são pontos de articulação entre língua e discurso, concebidos como crenças, valores comuns numa determinada comunidade, sendo que estes podem ser contra-argumentados, refutados. Os topoi podem ainda ser descritos através de algumas características como topos intrínseco, extrínseco ou ainda como comuns, gerais ou graduais.

Entendemos como topoi *comuns* aqueles valores que fazem parte do consenso de um determinado grupo de referência em que fazem parte o locutor e o alocutário e por topoi *gerais* aqueles que não se validam apenas numa situação particular de certo discurso, mas também em diferentes situações. Esta característica está relacionada com a primeira, pois, se dissermos: *Hoje o dia está lindo*, estamos usando o topos *O dia está bom para passear*. Revelando, assim, um ponto de vista consensual. Dessa forma, os topoi gerais se relacionam com os comuns e, se o dia está lindo, podemos sair para passear.

A gradualidade, segundo Espíndola (2004, p. 39), é dividida em duas fases: “a primeira compreenderá a fase estandarte da Teoria dos topoi; a segunda fase foi denominada, por Ducrot e seus colaboradores, fase recente”. Isso se deu devido às modificações e reformulações da teoria. Salientamos que a gradualidade não só existe na estrutura da frase, mas também do léxico, pois permite graduação de sentido.

Destacamos ainda o termo *Informação Compartilhada*, que é entendido aqui como “uma proposição acerca de um fato/pessoal/objeto julgada verdadeira pelo senso comum, sem contestação” (ESPÍNDOLA, 2000, p. 5). Seria então determinações inquestionáveis, nunca uma crença. Destacamos ainda que a informação compartilhada pode ser comum ou geral, mas nunca gradual, pois sabemos que uma verdade é ou não é verdade, nunca mais ou menos verdade.

Vamos aos dados!

Separamos em duas colunas, após análise do *corpus* – composto de três longos poemas do livro *Cante lá que eu canto cá*, AOS POETAS CLÁSSICOS, p. 17-20, CANTE LÁ, QUE EU CANTO CÁ, p. 25-29, e A ESCRAVA DO DINHEIRO, p. 47-54 – os topoi e as informações compartilhadas mais recorrentes relacionados aos temas *linguagem/saber/dinheiro*.

Devemos salientar que, devido ao espaço aqui disponível neste trabalho, justificamos que seria impraticável, neste momento, analisarmos mais poemas tendo em vista a longa extensão de cada texto. Os versos serão transcritos *ipsis litteris*, isto é, da forma que estão escrito e foram publicados na obra do poeta.

Topoi (Crenças)	Informações Compartilhadas (Valores inquestionáveis)
<p><i>Poetas niversitário, Poetas de Cademia, De rico vocabularo Cheio de mitologia; Se a gente canta o que pensa, Eu quero pedir licença, Pois mesmo sem português</i></p> <p><i>Neste livrinho apresento O prazê e o sofrimento De um poeta camponês.</i></p>	<p>... os livro de valô.</p>
<p><i>No verdô de minha idade, Só tive a felicidad.</i></p>	<p>...esta leitura, Me tirô da treva escura. Mostrando o caminho certo</p>
<p><i>Na minha pobre language, A minha lira servage Canto o que minha arma sente E o meu coração incerra As coisa de minha terra E a vida de minha gente.</i></p>	<p><i>A poesia sem rima, Bastante me disanima E alegria não me dá; Não tem sabô a leitura, Parece uma noite iscura Sem istrela e sem luá.</i></p>
<p><i>Poeta niversitaro, Poeta de cademia, De rico vocabularo Cheio de mitologia...</i></p>	<p><i>Sou um caboco rocêro, Sem letra e sem instrução; O meu verso tem o chêro Da poêra do sertão; Vivo nesta solidade Bem distante da cidade Onde a ciença governa. Tudo meu é naturá...</i></p>
<p><i>Sem a rima, a poesia Perde alguma simpatia E uma parte do primô; Não merece munta parma, É como o corpo sem arma E o coração sem amô.</i></p>	<p><i>Ou ligêro como o vento Ou divagá como a lesma, Tudo sofre a mesma prova, Vai batê na fria cova; Esta vida é sempre a mesma.</i></p>
<p><i>Se aí você teve estudo, Aqui, Deus me ensinou tudo, Sem de livro precisa</i></p>	<p><i>Você teve inducação, Aprendeu munta ciença, Mas das coisa do sertão Não tem boa esperiência. Nunca fez uma boa paioca, Nunca trabaiou na roça, Não pode conhece bem, Pois nesta penosa vida, Só quem provou da comida Sabe o gosto que ela tem.</i></p>
<p><i>Pra gente cantá o sertão, Precisa nele mora</i></p>	<p><i>Pra gente aqui sê poeta E fazê rima completa, Não precisa professô; Basta vê no mês de maio, Um poema em cada gaio E um verso em cada fulô.</i></p>
<p><i>Pra sê poeta divera, Precisa tê sofrimento.</i></p>	

<i>Como matuto atrasado</i>	<i>E quero a licença agora mode eu conta minha historia com o língua que Deus me deu.</i>
<i>Eu dêxo as língua de lado pra quem a língua aprrendeu</i>	<i>Apois sabe o mundo intêro que este bichinho dinhêro, com sua força e podê, a sua mancha, o seu jeito, tem feito munto sujeijo sisudo se derretê.</i>
<i>O dinheiro é o maió trensformador</i>	<i>Dinhêro é quem leva e traz</i>
<i>Dinheiro transforma tudo</i>	<i>Ele é cabrêro e treidô, é carrasco e é vingativo, só presta pra sê cativo,não presta pra sê senhô.</i>
<i>A pessoa neste mundo bota o pé na perdição quando ela dêxa o dinhêro governa seu coração.</i>	<i>Às vez, o que é bom por fora por dentro não vale um xis.</i>
<i>Só sei que quando falava, na sua conversa daxa as parença de um dotô.</i>	<i>Pelo jeito parecia que o sujeito era ricaço, tinha um relajo no peito e ôto na cana do braço e mais ôtas fantasia.</i>
<i>A sua fala não era como as fala do sertão.</i>	<i>Há gente pra tudo e sobra neste mundo enganado.</i>
<i>Mas não valia de nada, era inducação formada de pena, tinta e papé.</i>	<i>Dinhêro é um fogo ardente que faz munto coração se derrete como cera</i>
<i>Era inducação no jeito, mas tinha dentro do peito veneno de cascavé.</i>	<i>Dinhêro transforma tudo, faz de um alegre um sisudo, dá nó e desmancha nó</i>
<i>Dinhêro é grande inimigo.</i>	
<i>Dinhêro é farso e crué e ainda mais faz afronta quando ele toma de conta de um coração de muié.</i>	
<i>E finalmente o dinhêro é o maió feiticêro, é o Reis do Catimbó.</i>	

O Discurso de Patativa

Depois de feitos os levantamentos dos topoi e das informações compartilhadas nos poemas de Patativa, discutiremos algumas questões.

O gênero utilizado pelo poeta é o gênero discursivo poema, que caracterizamos conforme a maneira adotada pelo pensamento de Bakhtin (2010). Nesse gênero, o poeta utilizava-se de uma certa liberdade autoral para caracterizar seus poemas empregando uma linguagem mais próxima da realidade vivida por ele e por aqueles que ele representava, pois Patativa do Assaré foi um poeta nordestino que refletiu e refratou em seus textos a vida cotidiana, a identidade, as memórias, a cultura e a história de um povo, de sujeitos que com ele ganharam voz para representá-los e com a beleza da sua poesia pôde mostrar que o Nordeste não

vive só de fome e miséria, mas da força de um povo que traz em seu dia a dia a cultura, as manifestações e todas as relações possíveis para estabelecer e construir todos os dias sua identidade.

Ele procurava tematizar, em seus versos, fatos cotidianos; com isso possibilitou que, através dos seus textos, enxergássemos recursos argumentativos como a argumentação por autoridade, pois ele retratava, em seus poemas, o que vivenciava e utilizava-se, inconscientemente, da estratégia da polifonia, entendida, neste trabalho, segundo a perspectiva de Ducrot (1988), na qual o autor argumenta que não é possível haver a unicidade de um único sujeito responsável por um enunciado, mesmo este sendo o autor da obra. Dessa forma, entendemos que a polifonia “é um fato constante no discurso, que oferece ao locutor a possibilidade de tirar consequências de uma asserção cuja responsabilidade não assume diretamente, atribuindo-a a um enunciador estranho” (KOCH, 2000, p. 145).

Assim, para essa perspectiva polifônica, empreendida por Ducrot, a argumentação não está presente no enunciado, mas é gerada pelos enunciadores presentes no enunciado. É uma espécie de força argumentativa que faz o locutor incorporar seu topos refutando as demais crenças ou pontos de vista dos demais interlocutores. Dessa forma, podemos destacar que Patativa se apresenta como locutor e seus leitores representam seus diversos interlocutores.

Entendemos que as informações compartilhadas e os topoi que norteiam o discurso de Patativa são diretamente direcionados para um público alvo que exerce a função de alocutários, pois Patativa representa uma grande maioria de nordestinos que vive no sertão excluídos ou até mesmo esquecidos pelos governantes e o poeta representa a voz desse povo, pois ele fala a linguagem do povo: “Na minha pobre language, / A minha lira servage / Canto o que minha arma sente / E o meu coração incerra / As coisa de minha terra / E a vida de minha gente” (ASSARÉ, 2002, p. 18).

Em sua poesia, ele se utiliza de vários topoi e informações compartilhadas que ativam crenças e valores. Ativando um EI (Enunciador I) – o senso comum, L (Locutor) – Patativa incorpora o EII (Enunciador II) para assim trazer, através da poesia, os topoi e as informações compartilhadas que estão presentes em seu dia a dia e a que seus interlocutores estão acostumados e querem ouvir, por isso que ele ressalta: “Sou um caboco rocêro, / Sem letra e sem instrução; / O meu verso tem o chêro / Da poêra do sertão; / Vivo nesta solidade / Bem distante da cidade / Onde a ciência governa” (ASSARÉ, 2002, p. 19). Dessa forma, ressaltamos que é desenvolvido, neste trabalho, uma tênue relação entre língua e discurso, sendo que estão entre eles, identificados, nos poemas, crenças e valores comuns que representam e caracterizam de forma viva a linguagem cotidiana.

Como observamos, nos topoi e informações compartilhadas extraídos do poema *Cante lá que eu canto cá*, destacamos que o locutor usa a argumentação para orientar outros locutores utilizando-se da resposta: “Você teve inducação, / Aprendeu munta ciência, / Mas das coisa do sertão / Não tem boa esperiência. / Nunca fez uma boa paioça, / Nunca trabaiou na roça, / Não pode conhecê bem, / Pois nesta penosa vida, / Só quem provou da comida / Sabe o gosto que ela tem” (ASSARÉ, 2002, p. 25-26). Ele destaca um valor inquestionável de que só quem

vive no sertão sabe de verdade o que é sofrimento (de fome, seca e miséria). A nosso ver, o discurso de Patativa reflete uma imagem muito próxima da do povo sertanejo, de modo que pesquisas que envolvem a linguagem do sertanejo nordestino merecem tê-lo como *corpus* para análise.

Segundo Ducrot (1987), um dos aspectos que incide maior persuasão nos enunciados é a argumentação por autoridade, que, como uma de suas subdivisões, apresenta-se com autoridade polifônica: quando o locutor apresenta um ponto de vista de um enunciador, sendo que este locutor pode ser ele mesmo, mas que tem que se distanciar para apresentar uma asserção.

Quando Patativa diz “Eu dêxo as língua de lado / Pra quem a língua aprendeu” (ASSARÉ, 2002, p. 47), ele está assumindo a posição de L e se ausenta da responsabilidade de que escrever “certo”, isto que fica para aqueles que receberam instrução, enfatizando assim a crença de que quem tem que falar ou escrever corretamente são aqueles que, de uma forma ou de outra, frequentaram a escola. O poeta termina por formular assim a assertiva de que todos esses que foram instruídos devem usar a língua adequadamente/corretamente.

De acordo com Silva (2005, p. 140), “a argumentação através do arrazoado por autoridade será construída da utilização de uma proposição asseverada por uma autoridade no assunto em pauta.” Nesse sentido, todas as citações podem exemplificar esse tipo de argumentação, sendo uma forma de garantir a certeza e/ou clareza da afirmação.

Nos textos analisados, Patativa cita indiretamente poetas clássicos e universitários e critica a forma que estes escrevem: “Poeta niversitaro, / Poeta de cademia, / De rico vocabularo / Cheio de mitologia...” (ASSARÉ, 2002, p. 18). A maior autoridade que encontramos no discurso do poeta é a do próprio locutor que diz: “Na minha pobre language, / A minha lira servage / Canto o que minha arma sente / E o meu coração incerra, / As coisa de minha terra / E a vida de minha gente”. Além de ser nordestino e conhecer as belezas da cidade, sentiu na pele o que é ser sertanejo, trabalhador em tempos de seca, por isso tem autoridade para versar sobre sua terra, sua gente e seu lugar.

Para o poeta Patativa, a poesia tinha que ser cantada, por isso ele guardava na memória todos os seus poemas e a sua maior diversão era recitá-los para o povo e ouvir do povo o que eles queriam que fosse transformado em versos; ou seja, ele falava a língua do povo para o povo e os escutava também. Falava sobre seu dia a dia, seus costumes, lutas e crenças. Dessa forma, observamos que há uma inversão na força argumentativa dos interlocutores ou do público alvo, que, ao invés que se deleitarem com poemas de autores consagrados, escutavam o poeta e enxergavam em seus versos sua própria história.

Ao observarmos os topoi e as informações compartilhadas dos poemas, vimos que um tema recorrente era a noção sobre sua própria linguagem que, ora a define como correta, ora como errada: “Na minha pobre language, / A minha lira servage / Canto o que minha arma sente / E o meu coração incerra / As coisa de minha terra / E a vida de minha gente... (ASSARÉ, 2002, p. 18). Se aí você teve estudo, / Aqui, Deus me ensinou tudo, / Sem de livro precisa...” (ASSARÉ, 2002, p. 25).

Do último poema analisado de (ASSARÉ, 2002, p. 47), temos os seguintes dados:

IC: *Dinhêro é quem leva e traz*

Topos: *Dinheiro transforma tudo*

Forma tópica: [quanto mais dinheiro mais possibilidade de ter algo]

Topos: *O dinheiro é o maió transformador*

Forma tópica: [quanto mais dinheiro mais possibilidade de maior transformação]

O locutor traz o ponto de vista do enunciador: o dinheiro transforma, quanto mais dinheiro mais possibilidades de mudanças.

Aqui observamos que o ponto de vista é inquestionável, pois sabemos que o dinheiro realmente transforma tudo, seja para o bem ou para o mal. O locutor reforça isso trazendo o senso comum encontrado na forma tópica. A crença é um fato questionável, mas que se ancora na informação compartilhada data.

A partir desses dados, o locutor vai mostrando fatos que comprovam o seu ponto de vista na intenção da adesão do seu interlocutor, que pode se identificar positivamente ou negativamente com o discurso do poeta que assevera:

IC: *Apois sabe o mundo intero / Que este bichinho dinhêro, / Com sua força e podê, / A sua mancha, o seu jeito, / Tem feito munto sujeito / Sisudo se derretê.*

Topos: *A pessoa neste mundo / Bota o pé na perdição / Quando ela dêxa o dinheiro / Governá seu coração.*

Forma tópica: [quanto mais dinheiro, mais perdição]

Topos: *Mas não valia de nada, era inducação formada de pena, tinta e papé.*

Forma tópica: [quanto mais dinheiro, mais instrução recebia, porém menos valia.]

Para justificar seu desgosto, o locutor apresenta o topos: *A pessoa neste mundo / Bota o pé na perdição / Quando ela dêxa o dinheiro / Governá seu coração*, pois ele iria explicar que perdeu uma mulher por causa da ambição: “Ele é cabrêro e treidô, / É carrasco e é vingativo, / Só presta pra sê cativo, / Não presta pra sê senhô” (ASSARÉ, 2002, p. 48). “Dinhêro é farso e crué / E ainda mais faz afronta / Quando ele toma de conta / De um coração de muié” (ASSARÉ, 2002, p. 53).

Todos esses topoi são mostrados no decorrer do poema, proporcionando uma força argumentativa que leva o interlocutor a se sentir comovido pela história ali contada, usada com eficácia e persuasão. O locutor vai contando sua história, apresentando topoi que vão comprovando a sua argumentação.

Topos: *Era indução no jeito, / Mas tinha dentro do peito / Veneno de cascavé*

Forma tópica: [quanto mais estudo, mais poder para exercer]

Topos: *Dinhêro é grande inimigo*

Forma tópica: [quanto mais estudo mais dinheiro para fazer o mal]

Dessa forma, observamos que o locutor traz a crença que dá ênfase ao topos: *Era indução no jeito, / Mas tinha dentro do peito / Veneno de cascavé*, com isso, é sabido que o *Dinhêro é grande inimigo*. Assim, coloca em evidência seu posicionamento através do topos que garante sua versão na história.

Segundo Oswald Ducrot, um enunciador, quando argumenta, faz duas coisas:

En primer lugar escoge un *topos* y en segundo lugar sitúa el estado de cosas del que habla en un cierto grado de la escala antecedente del *topos*. Este segundo punto significa que el enunciador da un cierto grado de argumentatividad, débil o fuerte, a su argumento.² (DUCROT, 1988, p. 109).

O locutor, dessa forma, orienta seu discurso na direção que ele quer para defender seu ponto de vista, levando-nos ao topos: “E finalmente o dinhêro / É o maió feiticêro, / É o Reis do Catimbó” (ASSARÉ, 2002, p. 54). Usando essa estratégia, agrega seus valores no que diz respeito ao tema do texto. Com isso, observamos a utilização dos topoi e das informações compartilhadas usadas no discurso de Patativa do Assaré como estratégia argumentativa para defender seus pontos de vista, e, de certa forma, convencer o leitor na adesão de sua asserção de que o dinheiro é uma perdição.

À guisa de conclusão

O nosso objetivo, neste artigo, foi procurar identificar, descrever e analisar o discurso do poeta popular Patativa do Assaré, alicerçados na Teoria da argumentação, com o intuito de forçamos nossa atenção nos topoi, conforme a fase mais recente dessa teoria.

Verificamos, com este trabalho, que todo e qualquer discurso pode servir de *corpus* para uma análise argumentativa, até mesmo aquele mais próximo da linguagem oral de sertanejos do interior do Nordeste. Percebemos que o locutor utilizou, mais precisamente, as forças argumentativas advindas das estratégias polifônicas e de seu próprio discurso por autoridade como sertanejo, poeta e representante social.

Entendemos que os topoi refletem as crenças de uma determinada camada social e que estes podem ser refutados ou questionados. Já as informações compartilhadas são valores inquestionáveis que não podem ser refutados.

Dessa forma, entendemos que não é somente através dos elementos linguísticos que podemos identificar aspectos comunicativos, mas também podemos abrir espaço para outras formas satisfatórias de análise nas mais diversas esferas da comunicação humana; através de teorias como a argumentativa, podemos mobilizar diversas formas de enxergamos um discurso em diferentes situações. Salientamos ainda que esta análise foi apenas mais um olhar sobre esse fenômeno linguístico, sendo que o diálogo jamais dá-se por encerrado.

Por fim, defendemos que a Teoria dos topoi, em sua forma mais recente, é satisfatoriamente aplicável ao gênero discursivo aqui estudado, sobretudo, por favorecer que enxerguemos as aproximações deste com a linguagem real do sertanejo, tendo em vista que, entre outras coisas, ela se alicerça em crenças e valores arraigado na vida do povo do sertão.

Notas

¹ A significação da frase contém, em si mesmo, as instruções que envolvem uma série de constrações. (Tradução nossa).

² Em primeiro lugar escolhe o *topos* e em segundo lugar situa o estado de coisas de que fala em um certo ponto da escala antecedente do *topos*. Este segundo ponto significa que o enunciador dá um certo grau de argumentatividade, fraco ou forte, ao seu argumento. (Tradução nossa).

ANEXOS

AOS POETAS CLÁSSICOS

Poetas niversitário,
Poetas de Cademia,
De rico vocabularo
Cheio de mitologia;
Se a gente canta o que pensa,
Eu quero pedir licença,
Pois mesmo sem português
Neste livrinho apresento

O prazê e o sofrimento
De um poeta camponês.

Eu nasci aqui no mato,
Vivi sempre a trabaiá,
Neste meu pobre recato,
Eu não pude estudá
No verdô de minha idade,
Só tive a felicidad
De dá um pequeno insaio
In dois livro do iscritô,
O famoso professô
Filisberto de Carvaio.

No premêro livro havia
Belas figuras na capa,
E no começo se lia:
A pá — O dedo do Papa,
Papa, pia, dedo, dado,
Pua, o pote de melado,
Dá-me o dado, a fera é má
E tantas coisa bonita,
Qui o meu coração parpita
Quando eu pego a rescordá.

Foi os livro de valô
Mais maió que vi no mundo,
Apenas daquele autô
Li o premêro e o segundo;
Mas, porém, esta leitura,
Me tirô da treva escura,
Mostrando o caminho certo,
Bastante me protegeu;
Eu juro que Jesus deu
Sarvação a Filisberto.

Depois que os dois livro eu li,
Fiquei me sintindo bem,
E ôtras coisinha aprendi
Sem tê lição de ninguém.
Na minha pobre language,
A minha lira servage
Canto o que minha arma sente
E o meu coração incerra,
As coisa de minha terra
E a vida de minha gente.

Poeta niversitaro,
Poeta de cademia,
De rico vocabularo

Cheio de mitologia,
Tarvez este meu livrinho
Não vá recebê carinho,
Nem lugio e nem istima,
Mas garanto sê fié
E não istruí papé
Com poesia sem rima.

Cheio de rima e sintindo
Quero iscrevê meu volume,
Pra não ficá parecido
Com a fulô sem perfume;
A poesia sem rima,
Bastante me disanima
E alegria não me dá;
Não tem sabô a leitura,
Parece uma noite iscura
Sem istrela e sem luá.

Se um dotô me perguntá
Se o verso sem rima presta,
Calado eu não vou ficá,
A minha resposta é esta:
— Sem a rima, a poesia
Perde alguma simpatia
E uma parte do primô;
Não merece munta parma,
É como o corpo sem arma
E o coração sem amô.

Meu caro amigo poeta,
Qui faz poesia branca,
Não me chame de pateta
Por esta opinião franca.
Nasci entre a natureza,
Sempre adorando as beleza
Das obra do Criadô,
Uvindo o vento na serva
E vendo no campo a reva
Pintadinha de fulô.

Sou um caboco rocêro,
Sem letra e sem istrução;
O meu verso tem o chêro
Da poêra do sertão;
Vivo nesta solidade
Bem distante da cidade
Onde a ciência governa.
Tudo meu é naturá,
Não sou capaz de gostá

Da poesia moderna.

Deste jeito Deus me quis
E assim eu me sinto bem;
Me considero feliz
Sem nunca invejá quem tem
Profundo conhecimento.
Ou ligêro como o vento
Ou divagá como a lesma,
Tudo sofre a mesma prova,
Vai batê na fria cova;
Esta vida é sempre a mesma.

CANTE LÁ QUE EU CANTO CÁ

Poeta, cantô da rua,
Que na cidade nasceu,
Cante a cidade que é sua,
Que eu canto o sertão que é meu

Se aí você teve estudo,
Aqui, Deus me ensinou tudo,
Sem de livro precisa
Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá, que eu canto cá.

Você teve indução,
Aprendeu munta ciência,
Mas das coisa do sertão
Não tem boa experiência.
Nunca fez uma boa paioça,
Nunca trabaiou na roça,
Não pode conhece bem,
Pois nesta penosa vida,
Só quem provou da comida
Sabe o gosto que ela tem.

Pra gente cantá o sertão,
Precisa nele mora,
Te armoço de feijão
E a janta de mucunzá,
Vive pobre, sem dinhêro,
Trabaiando o dia intero,
Socado dentro do mato,
De apragata currelepe,
Pisando inriba do estrepe,
Brocando a unha-de-gato.

Você é munto ditoso,
Sabe lê, sabe escreve,
Pois vá cantando o seu gozo,
Que eu canto meu padece.
Inquanto a felicidade
Você canta na cidade,
Cá no sertão eu infrento
A fome, a dô e a misera.
Pra sê poeta divera,
Precisa tê sofrimento.

Sua rima, inda que seja
Bordada de prata e de oro,
Para a gente sertaneja
É perdido este tesôro.
Com o seu verso bem feito,
Não canta o sertão dereito
Porque você não conhece
Nossa vida aperreada.
E a dô só é bem cantada,
Cantada por quem padece.

Só canta o sertão dereito,
Com tudo quanto ele tem,
Quem sempre correu estreito,
Sem proteção de ninguém,
Coberto de precisão
Suportando a privação
Com paciência de Jó,
Puxando o cabo da inxada,
Na quebrada e na chapada,
Moiadinho de suó.

Amigo, não tenha quêxa,
Veja que eu tenho razão
Em lhe dize que não mexa
Nas coisa do meu sertão.
Pois, se não sabe o colega
De quá manêra se pega
Num ferro pra trabaiá,
Por favô, não mexa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá que eu canto cá.

Repare que a minha vida
É deferente da sua.
A sua rima pulida
Nasceu no salão da rua.
Já eu sou bem deferente,

Meu verso é como a semente
Que nasce inriba do chão;
Não tenho estudo nem arte,
A minha rima faz parte
Das obra da criação.

Mas porém, eu não invejo
O grande tesôro seu,
Os livro do seu colejo,
Onde você aprendeu.
Pra gente aqui sê poeta
E fazê rima completa,
Não precisa professô;
Basta vê no mês de maio,
Um poema em cada gaio
E um verso em cada fulô
Seu verso é uma mistura
É um ta sarapaté,
Que quem tem pôca leitura,
Lê, mais não sabe o que é.
Tem tanta coisa incantada,
Tanta deusa, tanta fada,
Tanto mistéro e condão
E ôtros negoço impossible.
Eu canto as coisa visive
Do meu querido sertão.

Canto as fulô e os abróio
Com toda coisas daqui:
Pra toda parte que eu óio
Vejo um verso se buli.
Se as vez andando no vale
Atrás de cura meus males
Quero repará pra serra,
Assim que eu óio pra cima,
Vejo um diluve de rima
Caindo inriba da terra.

Mas tudo é rima rastêra
De fruta de jatobá,
De fôia de gamelêra
E fulô de trapiá,
De canto de passarinho
E da poêra do caminho,
Quando a ventania vem,
Pois você já tá ciente:
Nossa vida é deferente
E nosso verso também.

Repare que deferença

Iziste na vida nossa:
Inquanto eu tô na sentença,
Trabaiando em minha roça
Você lá no seu descanso,
Fuma o seu cigarro manso,
Bem perfumado e sadio;
Já eu, aqui tive a sorte
De fumá cigarro forte
Feito de paia de mio.

Você, vaidoso e facêro,
Toda vez que qué fumá,
Tira do bôrsô um isquêro
Do mais bonito meta.
Eu que não posso com isso,
Puxo por meu artifiço
Arranjado por aqui,
Feito de chifre de gado,
Cheio de argodão queimado,
Boa pedra e bom fuzí.

Sua vida é divertida
E a minha é grande pena.
Só numa parte de vida
Nóis dois samo bem iguá
É no dereito sagrado,
Por Jesus abençoado
Pra consolá nosso pranto,
Conheço e não me confundo
Da coisa mio do mundo
Nóis goza do mesmo tanto.

Eu não posso lhe inveja
Nem você invejá eu
O que Deus lhe deu por lá,
Aqui Deus também me deu.
Pois minha boa muié,
Me estima com munta fé,
Me abraça, beja e qué bem
E ninguém pode negá
Que das coisa naturá
Tem ela o que a sua tem.

Aqui findo esta verdade.
Toda cheia de razão:
Fique na sua cidade
Que eu fico no meu sertão.
Já lhe mostrei um ispeio,
Já lhe dei grande conseio
Que você deve toma.

Por favô, não mêxa aqui,
Que eu também não mexo aí,
Cante lá que eu canto cá.

A ESCRAVA DO DINHEIRO

Boa noite, home e menino
E muié deste lugá!
Quero que me dê licença
Para uma histora contá.
Como matuto atrasado
Eu dêxo as língua de lado
Pra quem as língua aprendeu,
E quero a licença agora
Mode eu contá minha histora
Com a língua que Deus me deu.

Mas ante de eu começá,
Eu premeramente vou
Dizê que que o dinheiro é
O maió trensformadô,
Apois sabe o mundo intero
Que este bichinho dinhêro,
Com sua força e podê,
A sua mancha, o seu jeito,
Tem feito munto sujeito
Sisudo se derretê.

Dinhêro trensforma tudo,
Dinhêro é quem leva e traz,
Eu nem quero nem dizê
Tudo o que dinhêro faz.
Apenas aqui eu conto
Que ele pra tudo tá pronto,
Ele é cabrero e treidô,
É carrasco e é vingativo,
Só presta pra sê cativo,
Não presta pra sêr senhô.

A pessoa neste mundo
Bota o pé na perdição
Quando ela dêxa o dinhêro
Gonverná seu coração.
Pra o povo que tá me uvindo
Não dizê que tou mentindo
Eu vou agora contá
Uma histora pequenina,
A histora de Regina,
Pra ninguém me duvidá.

Regina era minha noiva,
Meu amô, minha inusão,
A morena mais bonita
Do meu querido sertão.
Seus grandes óio perfeito
Fazia quarqué sujeito
Tropeçá no brocotó,
Era vê no mês de maio
Dois grande pingo de orvaio
Tremendo na luz do só.

Os seus laibo era corado
Como a cera da cupira,
A fala tinha a doçura
Do favo da jandaíra.
O nariz bem afilado,
Cabelo preto e anelado,
Da cô da pena do anum.
Todos que conheceu ela
Dizia que era a mais bela
Do sertão dos Inhamun.

E era mêrmo a mais bonita,
Quem conheceu inda diz,
Ela tinha a perfeição
Da Santa lá da Matriz
Quando na festa se enfeita.
Se as mão dela era bem feita,
Mais bem feito era os seus pé,
Vocemincêis pode crê:
Valia a pena se vê
Essa franga de muié.

Mas dêrna de eu pequenino
Que eu oiço o povo dizê
Que no mundo um bom sem farta
Não houve, nem pode havê.
Pra que coisa mais formosa,
Mais bonita e luminosa
De que a pinta da corá?
Mas ela tem um veneno
Que mata o grande e o pequeno,
Triste do que ela pegá!

Ninguém lê nos coração,
E este mundo é um imbé,
Onde o cabra engole delas
Que o diabo enjeita e não qué.
Muitas coisa se padece

Só porque ninguém conhece
No mundo véio, infeliz,
Onde é que a bondade mora;
Às vez, o que é bom por fora
Por dentro não vale um xis.

Regina tinha um defeito
Que eu não posso perdoá:
Era escrava do dinhêro,
Era toda de metá...
Quando ela às vez me falava
No luxo que desejava
Pulsêra, colá, cordão,
Vestido de seda e crepe,
Era mêrmo que uns estrepe
Furando em meu coração.
Ora, sendo eu um cabôco
Dos mato, assim como sou,
Que só pissuo uma roça
E um cavalo corredô,
Quando essas coisa escutava
Meu juízo latejava
Num reboliço sem fim.
Não acabava o noivado
Porque tava enraizado
Esse amô dentro de mim.

Eu tava loco de amô,
Queria mêrmo casá.
Já tinha inté perparado
A casa pra nós morá.
O pai dela e seus parente
Já tava tudo ciente
Da nossa santa união.
O povo todo sabia
Que nós casava no dia
Do mártir Sebastião.

Vinha chegando janêro,
Era vespra de Natá;
Foguete de toda sorte
Subia rompendo o á;
A meninada em folia
Brincando se divertia
Com traque, com buscapé,
E as moça e seus namorado,
Cada quá mais animado
Rodava nos carrocé.

Os cabôco mais farrista

Devorava aqui e ali
Um tragozinho gostoso
De cana do Cariri.
E o beato Zé Perêra
Com as muié rezadêra
E as outra famia de bem,
Todos de prazê repretto
Perparava os objeto
Da lapinha de Belém.

Eu era naquele dia
O mais feliz do sertão;
Passeava com Regina
Segurado em sua mão,
E era por este respeito
Que eu tava bem satisfeito, alegre com xexéu
Na cajazêra cantando
Quando o só vem apontando,
Beijando as nuve do céu.

Mas é certo aquele dito
Dos véio antigo de atrás:
Que o cão não come nem bebe
Senão das arte que faz.
Naquela noite de festa
Eu vi o diabo de testa,
Coisa de fazê tremê,
E embora forte e disposto
Senti o maió desgosto
Que o home pode sofrê.

Chegou num carro de luxo,
Mandado não sei por quem,
Um desses home perdido
Que este nosso mundo tem,
Todo pronto, engruvatado,
Não sei por quem foi mandado
Aquele crué dragão,
Que chegou ali somente
Mode entristecê a gente
Daquela povoação.

Pelo jeito parecia
Que o sujeito era ricaço,
Tinha um relojo no peito
E ôto na cana do braço,
E mais ôtas fantasia,
Na hora que ele se ria
A boca era ôro só,
E além dos ôro dos dente,

Uma bonita corrente
Na gola do palitó.

Era alinhado devera
Aquele rico freguês,
Uns três anelão no dedo,
No nariz uns pichinez;
Não pude sabê seu nome,
Nem tombém sube aquele home
Aonde era moradô.
Só sei que quando falava,
Na sua conversa dava
As parença de um dotô.

A sua fala não era
Como as fala do sertão.
Tinha todo o requifife
Da coisa de inducação,
Mas não valia de nada,
Era inducação formada
De pena, tinta e papé.
Era inducação no jeito,
Mas tinha dentro do peito
Veneno de cascavé.

Naquela noite de festa,
Provou com seu mau costume
Que a inducação dele era
Fora do santo rejume.
Quando ele oiou pra Regina,
Pra beleza da menina,
Vi logo que ele ficou
Mardando e se penerando,
Como gavião oiando
Pra rola fogo-pagou.

Regina oiava pra ele
Mas sem pensá em xodó,
Sua ceguêra era o enfeito
Da gola do palitó,
Eu tava vendo e sabia
Que não era simpatia,
Era inveja, era imbição,
Não era amô nem caboje,
Era os ôro, era o reloge,
A corrente e os anelão.

Agora vocemincêis
Preste atenção e me escute,
Pra sabê como o dinhêro

Faz a pintura do fute.
Apois aquele sujeito,
Me fartando com o respeito
E abrindo pertinho d'eu
Uma bolsa atopetada
De nota verde e rajada,
Regina se derreteu.

Regina se transformou
E com inveja sem fim
Piscava os óio pro cara,
Sem querê sabê de mim.
E pra encurtá minha histora,
Mais tarde umas certas hora
Qué sabê o que ela fez?
Me engabelou sem escrupu
E logo, traz-zás num vupo,
Foi se embora com o freguês.

Pras banda do Pioí
O descarado azulou,
Com Regina, a sertaneja,
A causa da minha dô.
Por isso é que eu disse e digo:
Dinhêro é grande inimigo,
Dinhêro é farso e crué,
E ainda mais faz afronta
Quando ele toma de conta
De um coração de muié.

Ninguém vá pensá que eu conto
Histora que uvi contá,
Isso se passô comigo
Numa noite de Natá,
Vinte e quatro de dezembro.
Inda hoje, quando me lembro
Daquela farsa Regina,
Daquela ingrata cabôca,
Eu sinto no céu da boca
Um gosto de quina-quina.

Já tou véio e sou casado,
Não tenho mais inlusão,
Mas inda vejo Regina
Na minha imaginação,
Essa mágua inda padeço,
Pelejo mas não me esqueço
Do má que ela fez a mim,
Inda me fere e me dói,
Não sei pra que Deus estrói

Beleza com gente ruim.

Ô natureza de cobra!
 Bem dizia o meu avô
 Que há gente pra tudo e sobra
 Neste mundo enganadô.
 Eu fiquei horrorizado,
 Quage doido, amalucado,
 De vê aquela muié
 Se atranvancá nos abismo
 Por causa de uns argarismo
 E uns pedaço de papé.

Dinhêro é um fogo ardente
 Que faz munto coraçã
 Se derretê como cera
 Na quintura do tição.
 Dinhêro transforma tudo,
 Faz de um alegre um sisudo,
 Dá nó e desmancha nó,
 E finalmente o dinhêro
 É o maió feiticêro,
 É o Reis do Catimbó.

Referências

ANSCOMBRE, J.-C. (Org.) **Théorie des topoi**. Paris: Kimé, 1995.

ANSCOMBRE, J.-C.; DUCROT, Oswald. **La argumentación en la lengua**. Versión española de Julia Sevi I la e Marta Tordesi I las. Madrid: Editorial Gredos S.A., 1994.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAKHTIN, M.M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

DUCROT, Oswald. **Polifonia y argumentacion**. Universidade del Valle - Cali, 1988.

_____. Argumentação e “topoi” argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo (Org.). **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989. p.13-38.

_____. “Topoi” e formas topiques. In: ANSCOMBRE, J.-C. (Org.). **Théorie des topoi**. Paris: Kimé, 1995. p. 85-99.

ESPÍNDOLA, Lucienne C. **“Né”, “eu acho que” e “aí”**: operadores argumentativos do texto falado. 1998. 188 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada ao Português) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

_____. As estratégias argumentativas da propaganda eleitoral gratuita/1998 no Brasil. **Actas do XV Encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, vol. 1, Braga, p. 359 -369, 2000.

_____. **A entrevista**: um olhar argumentativo. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004.

KOCH, Ingedore G. V. **Argumentação e linguagem**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

MOURA, Heronides Maurílio de Melo. **O buraco negro do valor de verdade**: a semântica dos predicados vagos. 1996. 224 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

SILVA, J. S. O discurso de Zé Maranhão: topoi e informações compartilhadas. In: SILVA, Joseli Maria da; ESPÍNDOLA, Lucienne (Org.). **Argumentação na língua**: da pressuposição aos topoi. João Pessoa: Editora Universitária, 2005. p. 131-153.

Para citar este artigo

MELLO, Patrícia Gomes de. Topoi e informações compartilhadas no discurso poético de Patativa do Assaré. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 5, n. 1, p. 26-50, jan.-abr. 2016.

A autora

Patrícia Gomes de Mello é mestra em Linguística pelo PROLING (UFPB), desenvolve pesquisa embasada na filosofia bakhtiniana da linguagem. É graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA). É pesquisadora do Núcleo de Estudos de Teoria Linguística e Literária – NETLLI/URCA, na linha de pesquisa: Linguística e Dialogismo. Atua na área de Letras com ênfase em Linguística e em Língua Portuguesa.